



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



CONCEPÇÕES HISTÓRICAS DE INFÂNCIA: LEITURAS NA HISTORIOGRAFIA¹

Ana Luiza Taborda da Paixão
Felipe Augusto Fernandes Borges
INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ, CAMPUS DE PITANGA

Realizar um estudo bibliográfico das concepções de infância em diferentes períodos históricos, com o intuito de compreender as construções históricas que levaram aos pensamentos e ações sobre essa fase da vida humana, que pode ser considerada desde o nascimento até o começo da chamada pré-adolescência, é um trabalho que se faz necessário para a devida compreensão de como ocorriam as relações sociais entre adultos e crianças em diferentes tempos. Por isso, este trabalho possui o objetivo de entender a infância nos diferentes tempos, sob a visão de diferentes pensadores dentro e fora do Brasil, já que vários autores têm tentado compreender como a infância era tratada pela sociedade adulta desde os tempos mais remotos da humanidade. Foram usadas neste estudo fontes bibliográficas oriundas da análise de autores como Moysés Kuhlmann Jr, Maria Isabel Bujes, Neil Postman, Philippe Ariès, entre outros. Por meio da leitura e interpretação foram encontrados resquícios históricos do conceito de infância, bem como momentos de oposição a conceitos hoje aceitos, ou, ainda, ideais hoje entendidos como equivocados. O trabalho apresentado contém estudos iniciais de como a infância foi interpretada em diferentes sociedades e épocas, dando subsídios para estudos atuais sobre infância.

Palavras-chave: Infância, Educação, Historiografia.

Introdução

Este artigo faz parte dos resultados de um trabalho de iniciação científica “Jesuítas, ‘curumins’ e portugueses no Brasil colonial: um estudo das concepções de criança e infância nas cartas jesuíticas (1549-1560)” ligado ao curso de Pedagogia do Instituto Federal do Paraná – Campus Pitanga. O projeto visa compreender como os jesuítas compreendiam e lidavam com a infância em seus aspectos sociais e históricos, nos diferentes âmbitos da sociedade colonial brasileira.

Este trabalho busca uma visão geral, obtida por meio da bibliografia, do que foi e do que tem se tornado a infância, um período em que seus personagens principais não podem falar reflexivamente sobre si mesmos, mas que dependem da visão dos adultos

¹ Este trabalho foi financiado com bolsa de pesquisador estudante pelo Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Instituto Federal do Paraná - PIBIC/IFPR.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



sobre seus comportamentos, ações e desejos. Entender como era a infância, em outros momentos históricos, passa diretamente pelo entendimento de como os mais velhos compreendiam essas crianças, já que a forma como eram compreendidas refletia completamente no modo como eram tratadas e ensinadas.

O trabalho aborda primeiramente as concepções da infância em diferentes períodos históricos e sociedades, primeiramente para ser entendido que a Europa não era o único lugar onde havia crianças ou se considerava elas. Também para que fique claro que as condições da infância dependiam diretamente das questões políticas e sociais de cada época. Assim, medir a infância com base na régua europeia é o mesmo que tentar entender a infância dentro de comunidades carentes pegando como exemplos os filhos de famílias abastadas, não é a mesma coisa, a realidade é outra.

Além disso, nos mesmo lugares, houve, em diferentes épocas, diferentes visões da infância. Alguém, na Idade Média, não pensava como alguém pensa hoje, sendo que a história medieval deve ser vista com olhos medievais e a história atual com olhos atuais, pois em cada lugar havia diferentes espaços e diferentes condições para aquelas crianças.

Os próprios pensadores e autores estudados concebem diferentes visões de como se construiu a infância, pois há quem diga que ela desapareceu em certas épocas e reapareceu em outras, outros dizem ser uma construção histórica e até alguns dizem ser um meio de manobra política e social. Dentro dessas ideias, vemos que esses conceitos às vezes parecem nebulosos, misteriosos, mas mesmo assim deve-se tentar estudar e compreendê-los.

Esse trabalho quer, de certa forma, abrir um caminho para compreender a educação do passado e do presente estudando quem faz papel principal nela: as crianças.

Concepções históricas de Infância

O estudo da História da infância em todo o mundo passa por diferentes concepções que moldam os fatos históricos a conceitos individuais. Vários autores têm tentado compreender como a infância era tratada pela sociedade adulta desde os tempos mais remotos da humanidade, apresentando uma atenção pouco dada a certos tempos ao estudo de uma fase tão importante da vida humana.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



As concepções de infância podem ser, até mesmo, opostas, não porque há dúvidas sobre como eram as crianças nas diferentes épocas, mas porque cada autor vê a infância de um modo diferente. A defesa da existência ou não do chamado "sentimento de infância" é um critério bem debatido entre diferentes visões. Áries é um autor que vai tratar da inexistência do sentimento de infância:

[...] No primeiro caso, a infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança; no segundo, o da criança morta, não se considerava que essa coisinha desaparecida tão cedo fosse digna de lembrança: havia tantas crianças, cuja sobrevivência era tão problemática. O sentimento de que se faziam várias crianças para conservar apenas algumas era e durante muito tempo permaneceu muito forte. Ainda no século XVII, em *Le Caqueté de raeouchée*, vemos uma vizinha, mulher de um relator, tranquilizar assim uma mulher inquieta, mãe de cinco “pestes”, e que acabara de dar à luz: “Antes que eles te possam causar muitos problemas, tu terás perdido a metade, e quem sabe todos”. Estranho consolo! (ARIÈS, 1981, p. 56)

Enquanto o autor e professor Moysés Kuhlmann Jr. vai tratar a infância como um processo que existe e sempre existiu, mas pertencente a várias condicionantes sociais e históricas.

[o]s fatos relativos à evolução da infância, na pluralidade das suas configurações, inscrevem-se em contextos cujas variáveis delimitam perfis diferenciados. A infância é um discurso histórico cuja significação está consignada ao seu contexto e às variáveis de contexto que o definem. Semelhantes contextos são de natureza econômica, social, política, cultural, demográfica, pedagógica, etc. [...]

A modernidade faz da denominação infância um guarda-chuva a abrigar um conjunto de distribuições sociais, relacionadas a diferentes condições: as classes sociais, os grupos etários, os grupos culturais, a raça, o gênero; bem como a diferentes situações: a deficiência, o abandono, a vida no lar, na escola (a criança e o aluno) e na rua (como espaço de sobrevivência e/ou de convivência/brincadeira). É nessa distribuição que as concepções de infância se amoldam às condições específicas que resultam na inclusão e na exclusão de sentimentos, valores e direitos (KUHLMANN JR.; FERNANDES, 2004, p. 29).

Além deles, grandes nomes no Brasil, muitos outros trataram da infância e do personagem principal desse período: a criança. As várias considerações sobre essa fase perpassam até mesmo pela ideia da fabricação da infância, desaparecimento de infância



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



e ainda a infância num contexto histórico cultural, tratando de como ocorriam as interações da criança com o meio em suas atividades humanas.

A criança é um objeto de estudo complexo e que precisa ser visto com grande atenção, pois as concepções de sua vida passam diretamente pelo modo como os adultos as observam. Por isso, ao estudar a infância vemos conceitos completamente opostos, porque cada pessoa ao introduzir um conceito apresenta sua visão da criança e de como ela e os adultos ao seu redor deveriam se comportar.

A infância em cada época

Temos infância desde que a primeira família surgiu, a infância é uma fase que depende primordialmente de outras fases da vida, uma criança depende de seus pais, seres já adultos ou avós, seres idosos. Por isso a infância é um período sempre presente em todas as culturas.

A mais ou menos 3000 anos a. C. no Equador, foram retratadas em esculturas adultos e crianças, o intuito da criação da obra permanece oculto mas através dela podemos ver o espaço da infância em uma sociedade antiga e considerada primitiva nas culturas eurocêntricas.

Temos também, na Grécia Antiga, uma civilização considerada extremamente intelectual, a presença das crianças em imagens de objetos de rituais fúnebres, onde a criança, em sua partida foi considerada como uma pessoa partindo para outra vida. Na Roma antiga em sarcófagos foram também achados retratos da vida de crianças, brinquedos, opções e sua interação com a família representando que em épocas remotas a criança já fazia parte de uma sociedade que considerava suas particularidades. “A menção a essas imagens mostra que a consciência da particularidade infantil pode ser identificada desde a Antiguidade e nas mais diversas culturas” (KUHLMANN JR.; FERNANDES, 2012, p.29).

Já na Idade Média temos uma infância retratada como espelho da vida adulto, muitos autores vão afirmar que as crianças não tinham significado nenhum para seus familiares nesse período, mas entende-se hoje, que na realidade, a infância era um processo que existia e era considerado, só que de forma diferente como consideramos



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



hoje. Pode-se dizer que a infância nesse período era uma preparação para a vida adulta, as meninas eram preparadas para os trabalhos domésticos e os meninos se encaminhavam em ajudar os pais nos trabalhos do campo, ou em famílias abastadas, tinham tutores para o estudo de ciências necessárias à continuação dos negócios de família.

Com a grande mortalidade infantil, muitas crianças não sobreviviam a fase adulta e com as guerras muitos jovens morriam antes mesmo de se casar, mas isso era um fator ligado às condições de higiene e sociais do período, muitos adquiriam uma ligação de indiferença a perdas como forma de autoproteção, porém havia casos em que havia um grande sofrimento pela perda de crianças que se gerava. Martinho Lutero vai escrever sobre o sofrimento pela perda de sua filha de oito anos: “[...] meu coração ficou mole e fraco; jamais pensei que o coração de um pai pudesse ser tão machucado em função de seus filhos” (HEYWOOD, 2004, p. 80).

Já no período do Renascimento, com o surgimento de conceitos intelectuais e Helenísticos sobre o conhecimento vemos que as crianças passaram a ser tratadas como necessárias e até expoentes para a mudança que faria a sociedade "renascer" expressando que a “[...] a mão que embala o berço define os destinos da sociedade [...]”, fazendo da criança o ponto de partida para se abandonar a antiga “Idade das Trevas” (HEYWOOD, 2004, p. 52). Essa evolução de pensamento atingiu as classes abastadas da sociedade, já que as pessoas do campo e serviços da realeza permaneciam com suas vidas naturais e costumeiras, diferenciando porém, que com o desenvolvimento tecnológico as mortes foram diminuindo e o valor da vida infantil foi se tornando mais forte na comunidade como um todo.

A partir da Revolução Industrial e o crescimento da ideia de Idade Moderna as crianças dançaram entre vários conceitos, as de famílias abastadas começaram a fazer parte de estudos sobre o desenvolvimento da criança nos centros de Educação Infantil Froebelianas, Montessorianas, etc, faziam parte estudos de intelectualidade, fases de desenvolvimento e trabalhos com estímulos essenciais que passaram a fomentar a inteligência e habilidades desses pequenos, já aquelas de família mais pobre foram introduzidas ao mercado de trabalho, como os salários eram míseros e as famílias precisavam comer nos grandes centros que se formavam, a ideia de crianças trabalharem



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



foi de grande utilidade a muitas casas, já outras, onde as mães não queriam levar seus filhos as fábricas ficavam em casa assistencialistas, mantidas geralmente pela igreja, onde elas faziam atividade manuais e recebiam assistência e supervisão.

Diferentes visões sobre História da Infância

Apontaremos aqui algumas visões sobre a infância, falando em primeiro lugar de uma autora chamada Maria Isabel Edelweiss Bujes que vai tratar da infância moderna e problematizá-la questionando se elas não são fruto de práticas discursivas e fabricadas pelas malhas de poder social, já que segundo ela: “A trajetória da infância por estes tempos modernos é “um prato cheio” em termos de possibilidades de engendramento de novos problemas e objetos de pesquisa [...]” (BUJES, 2005, p. 195).

Ela vai nos dizer que a infância moderna é fabricada pela modernidade e foi construída socialmente sustentada por discursos sociais. A importância do discurso se dá pelo fato das pessoas nascerem em uma sociedade oralizada, e a cada dia, com as inúmeras inovações tecnológicas e o desenvolvimento de concepções sobre a infância, a criança cresce inserida nisto e o seu sujeito infantil se fabrica pelo discurso inserido na sociedade.

Seu trabalho é bastante complexo, mas em poucas palavras podemos dizer, que de acordo com o discurso social se forma a infância, temos portanto em épocas remotas discursos positivos sobre o trabalho infantil, logo as crianças trabalhavam, hoje temos discursos que são contra tal ideia e apresentam argumentos fortes sobre os prejuízos de se colocar a criança para trabalhar como adulto e ainda que tenham pessoa que fazem tal coisa, hoje são fortemente repudiadas pela lei, por uma massa de intelectuais e por grande parte da população, porém com o passar do tempo, ao se levantar um discurso que apoie a ideia com uma forte base de argumentos, ao longo de anos, pode-se ter ainda crianças pobres em trabalhos braçais sem poucas reclamações.

E essa fabricação da infância, que é fato social, se reforça nos documentos, teorias e instituições em geral, porque um fato quando é coercivo acaba por ser aprovado pelas instituições que legalmente tratam do que deve ou não deve ser feito.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



Veremos agora um pensador chamado Neil Postman, que vai falar sobre uma divisão histórica: *A invenção da infância e o Desaparecimento da Infância* em sua obra *O Desaparecimento da Infância*. Ele vai afirmar que houve o aparecimento da infância na Grécia Antiga e o seu fim na Idade Média como podemos observar:

No mundo medieval não havia nenhuma concepção de desenvolvimento infantil, nenhuma concepção de pré-requisitos de aprendizagem seqüencial, nenhuma concepção de escolarização [...] também não tinham, devemos já acrescentar, um conceito de vergonha (POSTMAN, 1999, p. 29).

Postman vai afirmar que não havia pudor, educação, vergonha, respeito às crianças nesta época denotando a inexistência de consideração por essa fase da vida humana. Segundo ele a prensa tipográfica, representando a idade moderna vai trazer de volta a lembrança da infância, já que as crianças eram as que não podiam ler como os adultos, já que para ele, o que separa a criança dos adultos é o acesso a certas informações

Para ele o grande desaparecimento da infância começou a acontecer com o surgimento do telégrafo, onde a fronteira de separação de informações que as crianças poderiam ter acesso passou a ser alterada. hoje a televisão aceita esse papel de bom grado, não delimitando o que a criança pode ou não pode ver e segundo o autor, a sociedade caminha para o desaparecimento da infância já que: “As pessoas vêem televisão. Não a lêem” (POSTMAN, 1999, p. 92).

Philippe Ariès (1914-1984), é o próximo autor citado, ele estudou a história da infância da Idade Média a Idade Moderna, na primeira fase ele afirma não existir sentimento de infância e na segunda diz que ele surge com a modernidade.

A palavra sentimento é usada por ele no sentido de que as pessoas não davam espaço a particularidade infantil, não havia uma valorização do “ser criança”. Ariès usava como base para pesquisa e argumentação fontes iconográficas, demográficas e relatos da idade média europeia. Pela tese de Ariès apesar de não ter um sentimento de infância, seu conceito existia, mas dissonante ao nosso ideal moderno.

No princípio medieval a criança não era representada, ao longo dos anos as artes sacras tentaram usar os pequenos para representar santos e anjos e as crianças então começaram a ser retratadas nas pinturas de família, somente no séc. XVII os retratos das



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



crianças sozinhas se tornam comuns e aceitos, começaram a surgir também, entre as famílias abastadas os trajés diferenciados entre crianças e adultos.

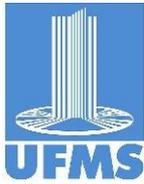
A partir daí surge a chamada Paparicação, que foi o grande passo para o verdadeiro sentimento de infância, através do desejo de paparicar a criança os adultos começaram a desenvolver o sentimento de infância moderno como uma preocupação social uniforme.

O próximo autor Colin Heywood (2004), se tornou um grande crítico da obra de Ariès, postulando grandes defasagens no pensamento histórico do autor como o seguinte: “Ariès parece pensar que o artista pinta aquilo que todos vêem, ignorando todas as questões complexas relacionadas à forma como a realidade é tratada na arte” (HEYWOOD, 2004, p. 25). Para ele é impossível procurar o conceito de infância moderno em épocas medievais e afirmar através disso que se não existe infância moderna, a infância medieval é inválida.

Segundo ele, os séculos XVII e XVIII tiveram grande importância na história da infância por ser um período de aumento nas opções trabalhistas aos jovens, consequentemente começou-se a investir mais nas crianças, proporcionando um período de prosperidade à infância. Para Heywood a Idade Média, como um todo, não concebia a Educação para as crianças como algo transformador já que a criança teria traços "de nascença".

Já a maternidade era algo desejado e esperado como santo mandamento de Deus, e tradições como batismo, escolha de padrinhos e nomes consagrados para os bebês sinalizam a importância da infância em duas vidas. O autor concorda com Ariès no que diz respeito à valorização dos meninos, já que pelo trabalho agrário, eles eram mais "necessários".

A morte tinha sentimentos ambíguos, a perda dos bebês era facilmente superada, mas há muitos casos onde a perda de crianças maiores era lamentada profundamente. Ao longo dos anos as crianças eram preparadas para suas respectivas vidas, as meninas para o casamento e os meninos pobres aos trabalhos braçais e meninos ricos, trabalhos administrativos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



Moysés Kuhlmann Júnior, nosso último autor citado, vai tratar a infância como um processo existente em todas as sociedades e culturas. Para ele, a infância está presente onde as sociedades as colocam, em seus ideais, conceitos e funções.

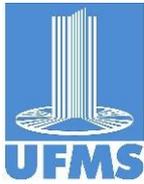
Em seus trabalhos ele vai falar das diferentes situações da infância, desde a infância completamente desprotegida no Brasil, até a infância cheia de apoio governamental. Para o autor a infância não é um conceito que existe ou deixa de existir de acordo com o pensamento adulto, mas é uma particularidade da criança, que é tratada com atenção e amor em certos momentos e desprezo em outros

Kuhlmann vai postular também que a infância pode ser observada em culturas não europeias, indígenas, africanas e orientais, não da forma como conhecemos, mas da forma que eles entendiam a infância.

Infância no Brasil

A primeira infância brasileira era a infância indígena, uma infância baseada em aprendizagem informal nos seios das tribos, as crianças tinham a liberdade delimitada pelo que era segura a elas fazer, viviam uma vida em meio a terra. O início de seus “estudos primários” era sair do seio da mãe, onde tinham que permanecer nas ocas com ela ou plantando alimentos e colhendo em meio a mata plantas para se alimentarem. Após esse período as meninas se tornaram aprendizes da mãe, conhecendo seus trabalhos e funções e meninos aprendizes dos pais, na caça, pesca, direção da família, dependendo da cultura indígena inserida. Falavam a língua de seus povos, aprendiam dos contos de seu povo e permaneciam segundo esse caminhar.

Isso muda completamente com o começo da colonização, e dando um enfoque principal ao tema deste trabalho, que é a história das crianças do Brasil colônia sob a ótica jesuítica, vamos observar que nesse período com a chegada desses padre católicos a vida brasileira mudou de figura, com uma educação formal “curumins”, colonos e afins, tiveram que adaptar a própria infância, nesse período os jesuítas realizaram muitos trabalhos diferentes para catequizar as crianças indígenas e os filhos dos colonos, e muito da infância antiga se perdeu nesse período.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



A infância passou a ser um período de discipulado da fé católica, aprender a rezar, escutar o sermão e entoar cânticos a Deus foi aquilo que os padres queriam fazer, a ótica jesuítica era ganhar as almas das crianças “porque dos tais é o reino do céu”, e também porque tinham mais chance de conquistar os pais deles também.

A partir daí a infância passou a ser um espelho da infância europeia, o Brasil, durante muito tempo foi um reflexo da “eurocentricidade” pregada pelos portugueses, a infância brasileira foi conseqüentemente amoldada por outras infâncias, por grandes máquinas propagandistas e pela luta aos direitos que as crianças tinham mas nunca eram respeitados.

Não existe criança fora do discurso pedagógico de infância, fora dos processos que lhe atribuem significados. O sujeito infantil está constituído, é formado e regulado nos discursos relativos à infância. Os discursos sobre infância fabricam no interior de uma sociedade o sujeito infantil de que tratam (BUJES, 2002, p. 55).

Observando e avaliando todas essas informações pode-se afirmar que as crianças são, como os adultos, sujeitos construídos e formados histórica e culturalmente, portanto, analisar essas concepções da infância no Brasil apresenta a ideia de como se construiu e se constrói a vida infantil neste país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho, pode-se notar que a infância é um período, às vezes, com conceitos nebulosos, pois existem muitas visões e interpretações sobre ela. Quando se estuda algo é importante compreendermos que cada autor traz uma interpretação com fontes e ideias que carregam um olhar sob determinado conteúdo.

Pesquisando sobre a historicidade da infância, foram encontrados vestígios de participação da vida infantil em sociedades remotas e dentro de civilizações que foram alicerces para o Brasil que existe hoje. Brinquedos, imagens, relatos, mostram que a figura da criança fez parte de diferentes momentos históricos, logo, dizer que a infância não existia parece ser um conceito errôneo, dizer também que ela sumiu e reapareceu também parece equivocado, já que as crianças continuam vivendo em sociedade. Entretanto, pode-



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



se dizer que a infância mudou e tem mudado, de acordo com as mudanças sociais. Assim como os adultos de hoje não são os adultos da Idade Média, com certeza as crianças de hoje não são como as da Idade Média, porque as mudanças que acontecem na sociedade não tem um começo, faixa etária ou sexo definidos, elas vão acontecendo de maneira orgânica e gradativa.

As conclusões apresentadas neste trabalho são iniciais, mas tem sido enriquecedor conhecer um pouco do que foi e é uma fase tão importante para o campo da educação moderna. Os conceitos históricos do que foram as crianças nos diz muito dos direitos que elas têm agora e do que elas ainda precisam que as pessoas conquistem por elas. Perceber o quanto a mudança de cultura pode interferir na infância de alguém pode ajudar a perceber que a sociedade tem nos pequenos seus conceitos de futuro, por isso, agora, olhamos para o passado, porque assim poderemos ver em qual futuro queremos chegar.

Assim, através dessa pesquisa foi tentado esclarecer um pouco do que foi a infância, fora e dentro do Brasil. Obsevando e analisando estudos de diferentes autores, pôde-se também ver o quanto dá para se estudar e buscar sobre essa fase da vida em diferentes períodos históricos, além de percebermos o que cada autor citado vê dos processos de construção históricos da criança em sociedade.

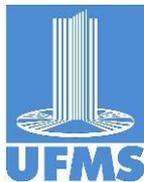
Referências

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981

BITTAR, Marisa; FERREIRA JÚNIOR, Amarílio. Infância, catequese e aculturação no Brasil do século 16. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 81, n. 199, p. 452-463, set/dez. 2000.

BUJES, Maria Isabel E. **Infância e maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Infância e poder: breves sugestões para uma agenda de pesquisa. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar sem fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



BORGES, Felipe A. F. **Jesuítas no “Estado da Índia”**: o Seminário de Santa Fé e o Colégio de São Paulo em Goa (1541-1558). 256f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Maringá. Maringá. UEM, 2018.

COSTA, Célio Juvenal. **A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo**: o Império Português (1540-1599). Tese de doutoramento (Educação). Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2004.

HEYWOOD, Colin. **Uma História da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KUHLMANN JR., M.; FERNANDES, R. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, L. M. (org.). **A infância e sua educação**: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 15-33.

PAIVA, José Maria de. **Colonização e Catequese**. São Paulo: Arké, 2006.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RODRIGUES, Elaine. (org.). **História da infância no Brasil**. Maringá: Eduem, 2010,

VAZ, Alexandre Fernandez; MOMM, Caroline Machado, Orgs. **Educação Infantil e Sociedade**: questões contemporâneas. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012.

SARAT, Magda, org. **Fundamentos Filosóficos da Educação Infantil**. Maringá: Eduem, 2009.